Benjamin H. Freedman

Jesus não era judeu!

Libro & Moschetto Fascista Perfetto

Benjamin H. Freedman

Jesus não era Judeu!

Libro & Moschetto Fascista Perfetto

"Os cristãos foram enganados pela mais ímpia fraude de toda a história, pelos chamados judeus. Isso é considerado a arma mais eficaz deles."

"Essa técnica da 'grande mentira' está fazendo uma lavagem cerebral nos cristãos dos Estados Unidos, levando-os a acreditar que Jesus Cristo foi 'Rei dos Judeus', no sentido em que os chamados 'judeus' de hoje se autodenominam 'judeus'. Essa referência apareceu pela primeira vez nas traduções inglesas do Antigo e do Novo Testamentos, séculos antes de os chamados judeus terem sequestrado a palavra 'judeu', no século XVIII d.C., para se fazerem passar, diante do mundo cristão, como tendo um parentesco com Jesus Cristo. Esse suposto parentesco provém do mito de uma ancestralidade comum com os chamados 'judeus' da Terra Santa na história do Antigo Testamento, uma ficção baseada em fábula."

"Pouco suspeitam os cristãos americanos de que estão sendo submetidos a uma lavagem cerebral vinte e quatro horas por dia, pela televisão e pelo rádio, por jornais e revistas, por filmes e peças teatrais, por livros, por líderes políticos no poder e que buscam o poder, por líderes religiosos em seus púlpitos e fora de suas igrejas, por líderes no campo da educação dentro e fora de suas atividades curriculares, e por todos os líderes nos negócios, nas profissões e nas finanças, cuja segurança econômica exige que bajulem o favor dos chamados 'judeus' de suposta ancestralidade histórica khazar. Cristãos desavisados são submetidos a esse bombardeio a partir de fontes que têm pouca razão para suspeitar. Fatos incontestáveis fornecem a prova irrefutável da suposta exatidão histórica de que os chamados 'judeus' em todo o mundo hoje, de origem do leste europeu, seriam indiscutivelmente os descendentes históricos dos khazares, uma antiga nação pagã turco-fínica mongoloide, no coração da Ásia, segundo a história, que abriu caminho em guerras sangrentas por volta do século I a.C. até a Europa oriental, onde estabeleceram seu reino khazar. Por alguma razão misteriosa, a história do reino khazar é notavelmente ausente dos cursos de história nas escolas e faculdades."

"A existência histórica do reino khazar dos chamados 'judeus', sua ascensão e queda, o desaparecimento permanente do reino khazar como nação do mapa da Europa, e como o rei Bulan e a nação khazar, por volta de 740 d.C., tornaram-se chamados 'judeus' por conversão, foram ocultados dos cristãos americanos por uma censura imposta pelos chamados 'judeus', de suposta ancestralidade histórica khazar, sobre todos

os meios de comunicação de massa dos Estados Unidos por eles dirigidos. Então, em 1945, este autor deu publicidade em âmbito nacional às suas muitos anos de pesquisa intensiva sobre os ‘fatos da vida’ referentes aos khazares. As revelações foram sensacionais e muito eficazes, mas aparentemente enfureceram os chamados ‘judeus’, que desde então continuam a despejar sua ira sobre este autor unicamente por essa razão. Desde 1946, eles conduzem uma campanha difamatória feroz contra ele, buscando assim ocultar ainda mais esses fatos, por razões óbvias. O que eles têm a temer da verdade?”

“Em uma edição original de 1903 da *Jewish Encyclopedia*, na Biblioteca Pública de Nova York e na Biblioteca do Congresso, Volume IV, páginas 1 a 5 inclusive, aparece uma das mais abrangentes histórias dos khazares. Também na Biblioteca Pública de Nova York há 327 livros dos maiores historiadores do mundo e de outras fontes de referência, além da *Jewish Encyclopedia*, tratando da história khazar, escritos entre os séculos III d.C. e XX por contemporâneos dos khazares e por historiadores modernos sobre o tema.”

Jesus era um “judeano”, não um judeu. Durante sua vida, nenhuma pessoa foi descrita como “judeu” em lugar algum. Esse fato é sustentado pela teologia, pela história e pela ciência. Quando Jesus estava na Judeia, ela não era a “pátria” dos ancestrais daqueles que hoje se autodenominam “judeus”. Seus ancestrais jamais puseram os pés na Judeia. Eles existiam naquela época na Ásia, sua “pátria”, e eram conhecidos como khazares. Em nenhum dos manuscritos do Antigo ou do Novo Testamento originais Jesus foi descrito ou referido como “judeu”. O termo surgiu no final do século XVIII como uma abreviação do termo judeano e refere-se a um residente da Judeia sem consideração de raça ou religião, assim como o termo “texano” designa uma pessoa que vive no Texas.

Apesar do poderoso esforço de propaganda dos chamados “judeus”, eles foram incapazes de provar, na história registrada, que exista um único registro, anterior a esse período, de uma raça, religião ou nacionalidade referida como “judeu”. A seita religiosa na Judeia, no tempo de Jesus, à qual aqueles que hoje se autodenominam “judeus” se referem como “judeus”, era conhecida como “fariseus”. O “judaísmo” de hoje e o “farisaísmo” no tempo de Jesus são a mesma coisa.

Jesus abominava e denunciava o “farisaísmo”; daí as palavras: “Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, serpentes, geração de víboras”.

Jesus não era Judeu!

por Jason Collett

Muitos cristãos de diversas denominações e até mesmo líderes de igrejas estão sob a crença equivocada de que Jesus era um judeu. Mas nada poderia estar mais distante da verdade. Judeia e Galileia eram dois Estados e entidades políticas separadas, como ilustrado no mapa da Palestina no tempo de nosso Salvador em sua Bíblia. O próprio Jesus não era um judeu (judeano) nem residente da Judeia; Ele era um galileu, ou residente da Galileia (Mateus 26:69; João 7:41), e um judaíta, ou descendente da tribo de Judá. Os judeanos de destaque não eram da tribo de Judá, mas edomitas. Pilatos foi irônico quando escreveu a inscrição "Jesus de Nazaré, Rei dos Judeanos" para a cruz (João 19:19). Isto é, "o galileu que era Rei dos Judeanos", como em "Rainha Vitória da Inglaterra, Imperatriz da Índia". Jesus cresceu em Nazaré, na Galileia. Seus discípulos eram pescadores do mar da Galileia. E, embora tenha visitado Jerusalém, passou a maior parte de sua vida em seu país natal, a Galileia. João 7:1: "Depois disso, Jesus permaneceu na Galileia; pois não podia andar pela Judeia, porque os judeus procuravam matá-lo." Seus seguidores agiam constrangidos "por medo dos judeus" (João 7:13; 19:38; 20:19).

Por que isso aconteceu?

O Salmo 83:3 diz que os eleitos de Deus são "ocultos" ou protegidos, e que estão sob ataque de uma coalizão de grupos malignos liderados por Edom. Quem era Edom?

Esaú, irmão do patriarca Jacó, tornou-se o ancestral do povo chamado Edom, ou Idumeia. *The Antiquities of the Jews*, de Flávio Josefo, XIII ix 1; XV vii 9, informa que João Hircano assimilou à força os edomitas como grupo nacional e eles se tornaram "judeus" por volta de 120 a.C. O historiador judeu Josefo, que viveu logo após o tempo de Cristo, escreveu: "Eles [Edom] passaram a ser doravante nada além de judeus". O estudioso judeu Cecil Roth, em sua *Concise Jewish Encyclopedia* (1980), afirma na página 154: "João Hircano converteu à força [Edom] ao judaísmo. A partir de então, eles passaram a fazer parte do povo judeu. No Talmude, o nome Edom foi aplicado à Roma cristã e depois usado para o cristianismo em geral".

Terríveis juízos contra Edom são feitos na maioria das profecias do Antigo Testamento. Por exemplo, Isaías 34, 63, Jeremias 49 e todo o livro de Obadias.

Isaías 63:1–6: “Quem é este que vem de Edom… com vestes manchadas de escarlate? Sou eu [o Senhor] que falo em justiça e sou poderoso para salvar.”

“Por que estão vermelhas as tuas vestes, como as de quem pisa o lagar?”

“Pisei o lagar sozinho, e dos povos não houve ninguém que me ajudasse. Na minha ira eu os pisei, e no meu furor os esmaguei. O sangue deles respingou nas minhas vestes, e todas as minhas roupas ficaram manchadas. Pois o dia da vingança está no meu coração, e chegou o ano dos meus resgatados… Eu pisei os povos na minha ira e fiz correr o seu sangue sobre a terra.”

Esses versículos referem-se a Apocalipse, capítulo 19:11–21, quando a Palavra de Deus destrói seus inimigos: “E vi o céu aberto, e eis um cavalo branco; e o que estava montado nele chama-se Fiel e Verdadeiro… Seus olhos eram como chama de fogo, e sobre a sua cabeça havia muitas coroas, e tinha um Nome escrito que ninguém conhecia, senão Ele mesmo. E estava vestido com uma veste tingida de sangue, e o seu Nome é chamado a Palavra de Deus… e Ele pisou o lagar do furor da ira de Deus.”

Jeová, no Antigo Testamento, “odiou Esaú (Edom), contra quem tem indignação para sempre” (Malaquias 1:2–4). Se Jesus destruirá Edom quando retornar, então Edom está presente hoje e é, evidentemente, maligno, anticristão e antijudaico.

O edomita Antípatro tornou-se procurador da Judeia em 47 a.C. Dez anos depois, seu filho Herodes tornou-se efetivamente “rei dos judeus”, iniciando a dinastia edomita que governou a Palestina sob autoridade romana por mais de cem anos. A assimilação edomita abriu caminho para a tomada virtual prevista por Ezequiel e estimulou um influxo populacional do país árido de Edom para o ambiente mais hospitaleiro da Judeia, um influxo obviamente incentivado por razões políticas pela dinastia herodiana no poder. Edomitas teriam sido nomeados para as posições mais influentes, a fim de estender e consolidar a autoridade edomita sobre a terra e seu povo. Herodes tornou-se notório pelo massacre de meninos de até dois anos de idade, uma tentativa sobrenaturalmente inspirada contra a vida de Cristo (Mateus 2:16). O filho de Herodes, Herodes Antipas, dando

continuidade a essa obra, foi responsável pelo macabro assassinato de João Batista (Mateus 14:6–12).

Cristo demonstrou uma antipatia muito real em relação às pessoas chamadas de judeus, nas Bíblias publicadas depois de cerca de 1776, mas que seriam mais corretamente descritas como judeanos, ou residentes do território da Judeia dominado pelos edomitas. Jesus disse aos judeus: “Vós não credes, porque não sois das minhas ovelhas” (João 10:24–27). “Eu fui enviado apenas às ovelhas perdidas da casa de Israel” (Mateus 15:24). De fato, Cristo referiu-se “àqueles judeus (ou residentes da Judeia, independentemente de religião, raça ou cor) que criam nele” como sendo “de seu pai, o diabo”, pois, embora fossem filhos de Abraão, não eram filhos de Abraão, Isaque e Jacó, nem herdeiros da bênção de Abraão, nem possuíam a fé de Abraão, sendo, com toda probabilidade, descendentes de Abraão, Isaque e Esaú (João 8:31, 44). Em contraste, Jesus instruiu seus discípulos — que eram da Galileia dos gentios, não da Judeia (Atos 1:11; 2:7) — a orar a Deus. E, em Apocalipse 2:9 e 3:9, Jesus fala “daqueles que dizem ser judeus e não são, mas são a sinagoga de Satanás”.

Os judeus gritaram: “Crucifica-o!” (João 19:15); “O seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos” (Mateus 27:25). Em uma reviravolta apropriada, quando Jesus retornar, o sangue deles manchará as suas próprias vestes. Os líderes espirituais dos judeus eram os fariseus, que, não surpreendentemente, estavam associados aos herodianos (edomitas) (Mateus 22:15–16; Marcos 3:6; 12:13). Jesus condenou repetidamente os fariseus como “hipócritas” (Mateus 15:7; 22:18; 23:13, 15, 23, 25, 27–27). Ele também os chamou de “serpentes, raça de víboras” (Mateus 3:7; 12:34; 23:33).

“Jesus falava às multidões somente por parábolas” (Mateus 13:10–17). Por que isso acontecia? Muitas igrejas nominais e escolas dominicais ensinam que Jesus usava parábolas para tornar seus ensinamentos mais claros. Mas os quatro Evangelhos dizem o contrário. Quando Jesus foi questionado sobre por que lhes falava por parábolas, respondeu: “Porque a vós é dado conhecer os mistérios do reino dos céus, mas a eles não lhes é dado” (Mateus 13:10–11; Marcos 4:11–12; Lucas 8:9–10; João 12:37–44). O

irmão Branham simplesmente disse que Jesus falava em parábolas para reduzir as multidões.

Jesus disse “àqueles judeus que creram nele… Vós sois do vosso pai, o diabo, e quereis satisfazer os desejos dele. Ele foi homicida desde o princípio e não permaneceu na verdade, porque não há verdade nele… pois é mentiroso e pai da mentira” (João 8:31–44). Essa característica é confirmada pela definição dicionarizada do verbo *jew*.

Mas será que os judeus chegam a produzir mentiras tão descarada e audaciosamente ousadas, mentiras tão vastas em alcance e implicação a ponto de se qualificarem como “chutzpah”, tão admirada pelos judeus?

Norman G. Finkelstein, da City University of New York, diz:

“O Holocausto provou ser uma arma ideológica indispensável. Por meio de sua utilização, uma das mais formidáveis potências militares do mundo, com um histórico horrendo de violações de direitos humanos, passou a se apresentar como um ‘Estado vítima’, e o grupo étnico mais bem-sucedido dos Estados Unidos também adquiriu o status de vítima. Benefícios consideráveis decorrem dessa vitimização espúria — em particular, imunidade à crítica, por mais justificada que seja” (Finkelstein, *The Holocaust Industry* (2000), publicado pela Verso, p. 3). Em outras palavras, Finkelstein expõe a HIPOCRISIA.

Algumas outras citações:

“Em um estudo autorizado, Leonard Dinnerstein relatou: Sessenta mil judeus… saíram caminhando dos campos de concentração. Dentro de uma semana, mais de 20.000 deles haviam morrido.” Mas “ao entrar em negociações com a Alemanha [apenas dois anos atrás, em 1999], a indústria do Holocausto exigiu indenização para 135.000 antigos (internos de campos) ainda vivos”.

Na página 83, ele observa que “o gabinete do primeiro-ministro israelense recentemente colocou o número de ‘sobreviventes vivos do Holocausto’ em quase um milhão”. Finkelstein expõe as MENTIRAS.

Na página 127, ele observa ainda: “Se 135.000 ex-trabalhadores judeus de trabalho escravo ainda estão vivos hoje, cerca de 600.000 devem ter sobrevivido à guerra. Isso é pelo menos meio milhão a mais do que as estimativas padrão… Se os judeus constituíam apenas 20% da população

sobrevivente dos campos e, como a indústria do Holocausto implica, 600.000 internos judeus sobreviveram à guerra, então um total de 3 milhões de internos deve ter sobrevivido. Pelo cálculo da indústria do Holocausto, as condições dos campos de concentração não poderiam ter sido tão severas assim; de fato, seria preciso supor uma taxa de fertilidade notavelmente alta e uma taxa de mortalidade notavelmente baixa… Se, como sugere a indústria do Holocausto, muitas centenas de milhares de judeus sobreviveram, então a Solução Final não poderia ter sido tão eficiente afinal — exatamente o que os negadores do Holocausto argumentam" (pp. 127–8).

"Meu pai e minha mãe foram ambos sobreviventes do gueto de Varsóvia e dos campos de concentração nazistas… Um dos amigos de toda a vida de meu pai foi um ex-interno com ele em Auschwitz, um idealista de esquerda aparentemente incorruptível que, por princípio, recusou a indenização alemã após a guerra. Com o tempo, ele se tornou diretor do museu israelense do Holocausto, Yad Vashem. A contragosto e com genuína decepção, meu pai acabou admitindo que até mesmo esse homem havia sido corrompido pela indústria do Holocausto, moldando suas convicções em troca de poder e lucro. À medida que a apresentação do Holocausto assumia formas cada vez mais absurdas, minha mãe gostava de citar (com ironia intencional) Henry Ford: 'A história é uma farsa'." (ibid., p. 7).

"O Holocausto revelou-se a arma perfeita para desviar as críticas a Israel" (ibid., p. 30).

"Grande parte da literatura sobre a Solução Final de Hitler não tem valor como produção acadêmica. De fato, o campo dos estudos do Holocausto está repleto de absurdos, senão de pura fraude" (p. 55).

"Diante do absurdo que é produzido diariamente pela indústria do Holocausto, o espantoso é que haja tão poucos céticos" (p. 68).

"Os Dias Anuais de Lembrança do Holocausto são um evento nacional. Todos os 50 estados promovem comemorações, frequentemente nas câmaras legislativas estaduais… Sete grandes museus do Holocausto pontilham o cenário americano. A peça central dessa memorialização é o Museu do Holocausto dos Estados Unidos, em Washington… [Esse] museu tem um orçamento anual de 50 milhões de dólares, dos quais 30 milhões são subsidiados pelo governo federal" (p. 72). (Isso apesar do fato de que, como ele observa na página 32, a renda per capita judaica nos EUA é quase o dobro da dos não judeus).

“Com uma campanha de reeleição se aproximando, Jimmy Carter iniciou o projeto [do Museu do Holocausto dos EUA] para apaziguar contribuintes e eleitores judeus, irritados com o reconhecimento, pelo presidente, dos ‘direitos legítimos’ dos palestinos” (p. 73). Finkelstein expõe o EMBUSTE, uma palavra antes mais frequentemente associada aos judeus.

“O ‘Holocausto’ é uma representação ideológica do holocausto nazista. Como a maioria das ideologias, ele mantém uma conexão, ainda que tênue, com a realidade. O Holocausto não é um constructo arbitrário, mas sim internamente coerente. Seus dogmas centrais sustentam interesses políticos e de classe significativos.” (p. 3). E:

“O Holocausto pode ainda vir a se revelar o ‘maior roubo da história da humanidade’… A indústria do Holocausto claramente enlouqueceu.” (pp. 138–9).

Essa avaliação é justa?

Dê uma olhada em um relato típico de uma das aparentemente intermináveis sobreviventes: Olga Lengyel, *Five Chimneys: a woman survivor’s true story of Auschwitz* (Granada/Ziff-Davis, 1947, 1972). O texto de apresentação na capa do livro cita o *New York Herald-Tribune*: “Passional, torturante”. Albert Einstein, o promotor da construção, nos Estados Unidos, das bombas usadas em Hiroshima e Nagasaki, é citado como tendo dito: “Você prestou um verdadeiro serviço ao permitir que falem aqueles que agora estão silenciosos e mais esquecidos (sic)”.

Lengyel diz:

“Depois de junho de 1943, a câmara de gás foi reservada exclusivamente para judeus e ciganos… Trezentos e sessenta cadáveres a cada meia hora, que era todo o tempo necessário para reduzir a carne humana a cinzas, totalizavam 720 por hora, ou 17.280 cadáveres em um turno de vinte e quatro horas. E os fornos, com eficiência assassina, funcionavam dia e noite. No entanto, é preciso também contabilizar as fossas de morte, que podiam destruir outros 8.000 cadáveres por dia. Em números redondos, cerca de 24.000 cadáveres eram processados diariamente. Um admirável recorde de produção, que fala bem da indústria alemã.” (edição em brochura, pp. 80–81). [Nenhum vestígio de quaisquer restos de ou em “fossas de morte” foi encontrado.]

Isso implica quase 100.000 cadáveres a cada quatro dias de trabalho, ou um milhão em 40 dias, ou seis milhões em 240 dias (oito meses). Essa alegação poderia ser um erro de impressão?

Kitty Hart, apesar do nome, uma sobrevivente judia nascida na Polônia, confirma plenamente esses números:

"Trabalhando ininterruptamente, as quatro unidades juntas podiam dar conta de cerca de 18.000 corpos a cada vinte e quatro horas, enquanto as fossas abertas lidavam com outros 8.000 no mesmo período." (p. 118; *Return to Auschwitz* — edição em brochura da Granada (1981, 1983)).

Segundo o texto de apresentação da capa, "Tema do documentário televisivo premiado de Yorkshire de mesmo nome." "Ao mesmo tempo envolvente e angustiante… uma importante adição à crescente literatura do holocausto, da qual muito pouco transmite com tamanha coragem tanto o tormento diário quanto a vontade de sobreviver" — Martin Gilbert, *The Times*.

Martin Gilbert, incansável militante judeu em defesa do "Holocausto" e biógrafo de Winston Churchill, acrescenta mais sabor ao conjunto e faz suas próprias afirmações numéricas, certamente não sem *chutzpah*:

Em seu livro *Auschwitz and the Allies* (1981), ele afirma:

"A tentativa deliberada de destruir sistematicamente todos os judeus da Europa passou despercebida na primavera e no início do verão de 1942: justamente o período durante o qual esteve em seu auge e durante o qual centenas de milhares de judeus estavam sendo gaseados todos os dias em Belzec, Chelmo, Sobibor e Treblinka." (p. 26).

Se assumirmos uma cifra mínima de 200.000 por dia, isso equivale a dizer um milhão ao longo de uma semana de trabalho de cinco dias, ou 6 milhões em seis semanas, e isso não inclui as afirmações verdadeiramente impressionantes sobre Auschwitz apresentadas por Hart e Lengyel com a bênção de Gilbert.

Um exame forense detalhado do local do campo de Treblinka em tempo de guerra, utilizando radar eletrônico de penetração no solo

sofisticado, não encontrou evidências de valas comuns ali. Durante seis dias, em outubro de 1999, uma equipe australiana liderada por Richard Krege, um engenheiro eletrônico qualificado, realizou um exame do solo no local do antigo campo Treblinka II, na Polônia, onde historiadores do Holocausto afirmam que mais de meio milhão de judeus foram mortos em câmaras de gás e depois enterrados em valas comuns.

De acordo com a *Encyclopedia of the Holocaust* (1997), por exemplo, "um total de 870.000 pessoas" teria sido morto e enterrado em Treblinka entre julho de 1942 e abril de 1943. Depois, entre abril e julho de 1943, os centenas de milhares de cadáveres teriam sido supostamente desenterrados e queimados em lotes de 2.000 ou 2.500 sobre grandes grelhas feitas de dormentes de ferrovia.

A equipe de Krege utilizou um equipamento de Radar de Penetração no Solo (GPR) no valor de 80.000 dólares, que emite sinais de radar verticais visíveis em um monitor de computador. O GPR detecta quaisquer perturbações em larga escala na estrutura do solo até uma profundidade efetiva normal de quatro ou cinco metros, e às vezes até dez metros. (Equipamentos de GPR são rotineiramente usados em todo o mundo por geólogos, arqueólogos e pela polícia.) Na investigação em Treblinka, a equipe de Krege também realizou inspeções visuais do solo e utilizou um trado para retirar numerosas amostras de testemunhos do solo. A equipe examinou cuidadosamente todo o local de Treblinka II, especialmente a parte alegadamente destinada às "valas comuns", e realizou exames de controle da área circundante. Eles não encontraram nenhuma perturbação do solo compatível com o sepultamento de centenas de milhares de corpos, nem sequer evidências de que o terreno alguma vez tivesse sido revolvido. Além disso, Krege e sua equipe não encontraram indícios de sepulturas individuais, restos ósseos, cinzas humanas ou cinzas de madeira.

"Com base nessas varreduras, pudemos identificar claramente a estratificação horizontal do solo em grande parte intacta, mais conhecida como horizontes, sob o local do campo", diz Krege, de 30 anos, que vive em Canberra. "Sabemos, a partir de varreduras de cemitérios e de outros

locais com perturbações conhecidas do solo, como pedreiras, quando essa estratificação natural é maciçamente interrompida ou desaparece por completo.” Como os processos geológicos normais atuam muito lentamente, observou Krege, uma perturbação da estrutura do solo teria sido detectável mesmo após 60 anos.

Embora sua investigação inicial sugira que nunca houve valas comuns no local do campo de Treblinka, Krege acredita que ainda são necessários trabalhos adicionais.

“Historiadores dizem que os corpos foram exumados e cremados perto do fim do uso do campo de Treblinka, em 1943, mas não encontramos nenhuma indicação de que valas comuns alguma vez tenham existido”, afirma. “Pessoalmente, não creio que tenha havido ali um campo de extermínio em massa.”

Krege preparou um relatório detalhado sobre sua investigação em Treblinka. Ele afirma que receberia com interesse a formação, possivelmente sob os auspícios das Nações Unidas, de uma equipe internacional de especialistas neutros e qualificados, para realizar investigações semelhantes nos locais de todos os campos alemães da época da guerra.

(Fonte: *“‘Vernichtungslager’ Treblinka: archäologisch betrachtet”*, por Ing. Richard Krege, em *Vierteljarhreshefte für freie Geschichtsforschung*, junho de 2000 [4. Jg., Heft 1], pp. 62–64; *“No Jewish mass grave” in Poland*, *The Canberra Times*, 24 de janeiro de 2000, p. 6; *“Poland's Jews 'not buried at Treblinka’”*, *The Examiner* [Austrália], 24 de janeiro de 2000. Informação fornecida por Richard Krege; M. Weber e A. Allen, *“Treblinka”*, *The Journal of Historical Review*, verão de 1992, pp. 133–158; Y. Arad, *“Treblinka”*, em I. Gutman, ed., *Encyclopedia of the Holocaust* [Nova York: 1997], pp. 1481–1488.)

Quem foi o primeiro judeu?

John Standring

Sabemos que Saul foi o primeiro rei de Israel e que João foi o primeiro homem chamado Batista, mas quem foi o primeiro judeu? Nem Adão, Sete ou Noé são chamados de judeu. Tampouco Abraão, Isaac ou Jacó. Moisés não foi chamado de judeu, e nem Saul, Davi ou Salomão foram chamados assim. Na verdade, você não encontrará a palavra "judeu" nos primeiros onze livros da Bíblia. A primeira vez que os judeus são mencionados na Bíblia é em II Reis 16:6 (e então apenas em traduções revisadas no século XVIII), onde lemos que Israel estava em guerra com os judeus e os expulsou de Elate. Não é interessante que possamos ler mais de quinhentas páginas da Bíblia antes de encontrar um judeu em qualquer lugar, e ainda assim aqueles que hoje se chamam judeus afirmam possuir os primeiros cinco livros da Bíblia e chamam-nos de sua Torá?

Não é um tanto estranho que aqueles que afirmam ter escrito os cinco primeiros livros da Bíblia e se chamam judeus não encontrem a palavra "judeu" em nenhum ponto do livro que chamam de sua própria Bíblia e que alegam ter escrito? Jesus Cristo diz a João em Apocalipse 2:9: "Conheço a blasfêmia daqueles que dizem que são judeus e não são, mas são a SINAGOGA DE SATANÁS".

Sabemos que Deus mudou o nome de Abrão para Abraão em Gênesis 17:5, e que Ele mudou o nome de Jacó para Israel em Gênesis 32:28, mas em nenhum lugar da Bíblia encontramos que Deus mudou o nome de Israel para judeu! Portanto, não há autoridade pela qual aqueles que dizem ser judeus possam reivindicar ser Israel!

Na época de Jesus, a palavra Edom ou Edomita havia sido traduzida pelo grego e pelo latim como *Ioudaios* e *Iudaeus*, significando um judeano ou pessoa que vivia na Judeia. A versão original da Bíblia King James, de 1611, traduziu Idumeu-Judeano como *Iewes*. Só nas edições revisadas da Bíblia King James é que apareceu a palavra "judeu".

A palavra “judeu” **não significa Israel ou israelita**! Devemos concluir, portanto, que os primeiros “judeus” eram cananeus-edomitas-hititas. É certo, de acordo com a Bíblia, que judeus **não são Israel**.